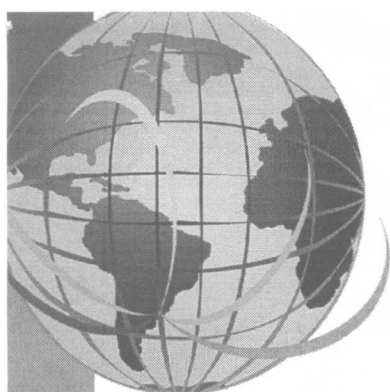


SEVERINO, ANTONIO JOAQUIM

**CAMINHOS E INSPIRAÇÕES PARA A
PESQUISA EM FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO: CAMPOS TEMÁTICOS,
PARADIGMAS FILOSÓFICOS E CÍRCULOS
HERMENÊUTICOS.**

2010



III Seminário Internacional de Educação

PESQUISAS EM EDUCAÇÃO no Brasil e no Mundo

de 23 a 26 de novembro de 2010

PROGRAMAÇÃO GERAL

23/11/2010

9h às 18h – Credenciamento e distribuição de materiais

19h30 – Abertura Oficial

Eduardo Storópoli (Reitor da UNINOVE)

Maria Cristina Barbosa Storópoli (Pró-Reitora Acadêmica da UNINOVE)

José Eustáquio Romão (Diretor do PPGE-UNINOVE)

19h45 – Coral Madrigal de canções (Integrantes: Matheus Henrique Mafra, Gabriela Reis, Luisa Gouveia, Viviani de Almeida, Vinícius Alencar, Ilya Amirante, Pedro Fagin, Caetano Lacerda, Karina Finger Krause).

Canções:

1) Onde está você (Composição: Oscar Castro Neves e Luvercy Fiorini)

2) Suíte dos pescadores - *Pout-Pourri* (Composição: Dorival Caymmi)

20h às 22h – Conferência Magna de Abertura – Educação, Globalização e Justiça

Carlos Alberto Torres (UCLA, EUA)

Comentários: Luiza Cortesão (UP, Portugal)

24/11/2010

9h às 12h – Mesa 1: Pesquisa em Educação na África e na Ásia

Florenço Mendes Varela (MEC, Cabo Verde)

Ki Seok "Korbil" Kim (USeul, Coréia)

Joel Samoff (UStanford, EUA)

Shigeru Asanuma (UTokyo, Japão)

Coordenação: Izabel Cristina Petraglia (UNINOVE, Brasil)

14h às 17h – Mesa 2: Pesquisa em Educação nas Américas

Adriana Marrero (UdelaR, Uruguai)

Armando Alcántara Santuario (UNAM, México)

Carlos Alberto Torres (UCLA, EUA)

Raymond Morrow (UAlberta, Canadá),

Coordenação: Maria da Glória Marcondes Gohn (UNINOVE, Brasil)

CAMINHOS E INSPIRAÇÕES PARA A PESQUISA EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: CAMPOS TEMÁTICOS, PARADIGMAS FILOSÓFICOS E CÍRCULOS HERMENÊUTICOS.

Antonio Joaquim Severino¹

Introdução

Falar de pesquisa em Filosofia da Educação é para mim motivo de gratificação ao mesmo tempo que um grande desafio. Gratificação pela oportunidade que me enseja de tratar de um assunto instigante, que abre amplos horizontes ainda não alcançados; desafio porque é preciso atravessar um território ainda desconhecido e inseguro, tais e tantas são as incertezas dos caminhos a seguir. Mas, me propus nesta breve comunicação, qual Ulisses amarrado ao mastro de seu navio, não dispensar o prazer de ouvir a suave música das sereias, sem o risco de me deixar sucumbir aos perigos que cercam essa empreitada. Discutir o sentido, as tarefas e a identidade da Filosofia da Educação é, para mim, uma fonte de prazer, pelos resultados que essa discussão, quando plenamente amadurecida, promete nos trazer para a compreensão mais profunda da educação e, conseqüentemente, da condição humana.

Entre meus interesses investigativos, tenho me preocupado e me ocupado sistematicamente com a constituição da identidade da Filosofia da Educação como área específica de conhecimento. Isso por entender que a consistência de uma área de conhecimento sempre me pareceu uma condição imprescindível para que possa dar sustentação a seu ensino e a sua

¹ Antônio Joaquim Severino, aposentado, foi professor de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP, na categoria de Professor Titular, MS-6. Licenciou-se em Filosofia na Universidade Católica de Louvain, Bélgica, em 1964. Na PUCSP, apresentou seu doutorado, defendendo tese sobre o personalismo de Emmanuel Mounier, em 1972. Prestou concurso de Livre Docência em Filosofia da Educação, na Universidade de São Paulo, em 2000, e de titularidade em 2003. Atualmente, é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Uninove. Dentre suas publicações, destacam-se *Metodologia do trabalho científico* (Cortez, 1975; 21. ed. 2000); *Educação, ideologia e contra-ideologia*. (EPU, 1986); *Filosofia* (Cortez, 1992; 5. ed. 1999); *Filosofia da Educação* (FTD, 1995; 2. ed. 1998); *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação* (Vozes, 1999), *Educação, sujeito e história* (Olho d'Água, 2002); e vários artigos sobre temas de filosofia da educação. Seus estudos e pesquisas atuais situam-se no âmbito da filosofia e da filosofia da educação, com destaque para as questões relacionadas com a epistemologia da educação e para as temáticas concernentes à educação brasileira e ao pensamento filosófico e sua expressão na cultura brasileira.

consolidação científica e cultural, objetivo maior que certamente perseguimos todos. Se é verdade que a existência de disciplinas, em função de seu próprio quefazer, contribui para a configuração da identidade de uma área de conhecimento, é igualmente verdade que a solidez das disciplinas depende da solidez das correspondentes áreas de conhecimento.

A prática da pesquisa no âmbito da área é, talvez, a referência fundamental para a configuração de sua identidade². Por isso mesmo, a ausência de uma prática consolidada de pesquisa parece evidenciar, de forma bastante incisiva, a inconsistência da identidade pretendida pela área. Tal parece ser ainda o caso da Filosofia da Educação entre nós, sem prejuízo de se poder afirmar que ela já tenha avançado muito nessa direção. Com efeito, a paulatina tomada de consciência dessa situação de carência já é, paradoxalmente, demonstração segura da emergência de uma tradição investigativa, pois chega-se à conclusão de que a área não tem uma tradição de pesquisa a partir de resultados de investigações que tomaram como objeto essa própria condição. Já se registram, entre nós, poucos mas bem representativos trabalhos, empíricos e teóricos, que foram realizados com o objetivo específico de estudar o estatuto da Filosofia da Educação. (Albuquerque, 1997; 1998; Vieira, 2010; Guardie, 1998; Genro, 1992; Severino, 1993; 2001; Tomazzetti, 2003; Gallo, 2007)

Por outro lado, é de se registrar também a presença, em nossos meios acadêmicos e culturais, de uma expressiva literatura constituída de trabalhos, produzidos no âmbito de Programas de Pós-Graduação ou de outros contextos institucionais, que bem mostram o desenvolvimento significativo dessa prática investigativa. Tais trabalhos, ainda que sejam pouco numerosos, evidenciam a adoção de metodologias e a escolha de temas que contribuem para delinear a especificidade da área filosófico-educacional e, conseqüentemente, para a configuração de sua identidade.

² É evidente que muitas outras condições são necessárias para a configuração da identidade de uma disciplina ou de uma área de conhecimento, como detentora de um universo sistemático de construção de conhecimento. É o que nos mostram os estudos referenciais da Sociologia do Conhecimento. Mas tudo parece indicar que a tradição investigativa na área é o fator primordial para a consolidação de sua identidade específica, com autonomia e fecundidade próprias.

1. Em busca de uma pedagogia da investigação filosófico-educacional.

Ao longo de meus investimentos analíticos e reflexivos, de uma perspectiva meta-teórica, com vistas a contribuir para o delineamento dessa identidade, tenho trabalhado com um conjunto complexo de categorias que entendo pertinentes e fecundas no tratamento da questão. Trata-se de uma rede articulada de macro e micro-categorias cuja integração nos permite construir um quadro simultaneamente analítico e propositivo, descrevendo o perfil de iniciativas de investigação já realizadas e sugerindo um caminho para novas investigações.

1.1. O campo temático como território dos objetos.

Um primeiro quadro de categorias é constituído em torno da macro-categoria de **campo temático**. Esta macro-categoria destina-se a fornecer bases para o delineamento dos objetos possíveis para a investigação filosófica. Ela abriga três outros conjuntos categoriais correspondentes aos três processos vinculados ao conhecimento filosófico: o processo epistêmico, o processo valorativo e o processo existencial. Por sua vez, cada um destes processos se subdivide em sub-categorias encarregadas de estabelecer a perspectiva de abordar o processo em questão.

Na esfera do processo epistêmico, está em pauta o próprio processo do conhecimento em si. Como pode desenvolver em outras oportunidades, a Filosofia tem uma tarefa epistemológica, pois um de seus territórios prioritários de investigação é aquele do conhecimento. (Severino, 2001, p. 17-42; 99-137). Mas a problemática do conhecimento pode ser abordada sob três vetores: o teórico, o meta-teórico e o ideológico. De uma primeira perspectiva, busca-se investigar como se dá o conhecimento humano, como ele se configura e se realiza, sob quais condições, qual seu alcance. E na atualidade como se constrói positivamente o conhecimento específico do campo educacional. Problematiza-se como é construído o objeto do conhecimento no âmbito da educação. Está em pauta inclusive o desvendamento das relações entre a Filosofia da Educação e as Ciências da Educação.

Daí se passar imediatamente para a perspectiva meta-teórica que coloca em questão o possível estatuto teórico da própria Filosofia da Educação, tentando-se justificá-lo, legitimá-lo em suas pretensões epistemológicas. Trata-se de ver o possível estatuto epistemológico para o conhecimento nessa área em cotejo próximo com as ciências afins que abordam igualmente o fenômeno educacional. Faz parte da investigação da Filosofia da Educação a tarefa de se auto-definir e de se auto-justificar como forma específica e consistente de abordar a problemática educacional, sob a perspectiva filosófica. Trata-se de um investimento na explicitação do próprio estatuto da filosofia da educação, qual seja, do próprio sentido de uma reflexão filosófica sobre a educação, assumida e praticada intencionalmente. Desenvolve-se assim uma meta-reflexão, que visa, na verdade, legitimar tal exercício reflexivo, delineando sua identidade. Trata-se de abordar a filosofia da educação não mais como um simples produto mas sobretudo como um processo, um modo de exercer o conhecimento sobre a educação, buscando-se assim respaldar sua legitimidade. A questão da identidade da filosofia da educação vai suscitar a discussão de suas relações não só com as ciências da educação mas também suas relações com a própria filosofia, questionando-se a sua condição de autonomia frente à filosofia geral ou de mera aplicação da mesma ao campo educativo. Além disso, coloca-se também a questão de seu ensino, o que levanta o problema de seu estatuto disciplinar, como componente curricular dos cursos de formação de educadores.

Mas, de outro lado, como a educação, tanto sob a dimensão da teoria como da prática, é terreno fértil para o enviesamento ideológico, a démarche da Filosofia da Educação não pode eximir-se da tarefa crítica de desmascaramento, de desvendamento, dos elementos ideológicos que envolvem o processo educativo. Em síntese, da perspectiva da investigação filosófica sobre o conhecimento, cabe então desenvolver pesquisas, com análise e reflexão, seja sobre o próprio estatuto epistêmico da Filosofia enquanto articulada à educação, seja sobre a construção do conhecimento na esfera educacional, seja ainda no desmascaramento e na crítica dos enviesamentos ideológicos que impregnam a teoria e a prática nesse campo.

A segunda categoria vinculada ao campo temático é aquela do **processo valorativo**, subdividida igualmente em sub-categorias práticas: o econômico, o produtivo, o ético, o estético e o cultural.

Aqui a meta é explicitar o sentido axiológico da prática educacional. Como prática humana integral, mediada e mediadora, profundamente intencionalizada, marcada por fins, a educação envolve-se radicalmente com os valores éticos, políticos, estéticos e culturais. Não pode ser compreendida sem essas referências nas quais encontra sua razão de ser bem como as balizas para seus caminhos.

A terceira macro-teoria do campo temático da Filosofia da Educação é aquela relativa ao processo existencial, cuja referência fundamental é o ser, o existir. Sem dúvida, o esclarecimento dos conceitos e valores envolvidos com e na educação não esgotariam seu sentido se não estivesse articulado com o sentido abrangente do existir humano, pessoal e social. Por isso, sob um terceiro ângulo, as dimensões do existir dos homens, o seu ser, constituem outra fonte de objetos da investigação na esfera da educação. Trata-se de âmbito igualmente fundamental e até mesmo prioritário pois, em se tratando de educação, a referência básica é o sujeito educando como pessoa humana que é.

1.2. Os paradigmas filosóficos como referenciais teóricos.

Outra macro-categoria que tem se revelado fértil e, a meu ver, pertinente para a realização da pesquisa em Filosofia da Educação é aquela do **paradigma filosófico**. Trata-se de categoria destinada a expressar a malha de conceitos utilizados para nuclear uma representação dos fenômenos tomados como objetos de seus estudos. Um paradigma filosófico é um conjunto de conceitos que tanto podem ser elaborados, mediante categorias específicas, pelo próprio pesquisador, como tomados de empréstimo por ele, de outros pesquisadores ou de escolas teóricas³. Não pode haver explicação de um fato,

³ Paradigma é tomado aqui num sentido mais amplo, sem vinculação direta com o conceito consagrado pelas propostas de Thomas Kuhn. Sem dúvida, aproveita-se algo dessa inspiração, mas sem se prender a sua tecnicidade conceitual. Termo eminentemente polissêmico, designa, neste ensaio, tão somente um corpus articulado de conceitos, tal como

de um fenômeno, de um aspecto da realidade empírica, de uma situação histórica, de um evento, se não houver uma articulação de um esquema teórico com algum dado empírico, do ideal com o real, do subjetivo com o objetivo. A ciência decorre necessariamente dessa articulação. O conhecimento é sempre uma relação entre um sujeito e um objeto.

Um paradigma se constitui por uma rede articulada de conceitos, tanto referentes à atividade subjetiva como à realidade objetiva, formando um conjunto lógico que seja marcado, simultaneamente, por consistência, compatibilidade e coerência. Consistência no sentido de que os conceitos tenham conteúdo significativo pertinente e adequado para bem expressar os temas do conhecimento e que sejam também compatíveis entre de modo a se somarem na expressão mais completa do significado dos objetos e, finalmente, que formem uma rede coerente de compreensão. A compatibilidade é a exigência lógica de superação de um ajuntamento eclético, onde ocorreria tão somente uma justaposição forçada de elementos plurais, distintos entre si. Já a coerência do conjunto é a condição de superação de uma pseudo-articulação de fragmentos, superação do sincretismo⁴.

Estas são as condições lógicas para a construção de um paradigma teórico, o que o pesquisador pode fazer, por conta própria, no sentido de produzir conhecimento explicativo sobre seu objeto de investigação.

No contexto brasileiro, a emergente tradição de pesquisa da área de Filosofia da Educação, é possível identificar que os estudos que podem ser considerados germinais, vinculam-se a paradigmas filosóficos constituídos no bojo das diversas tendências da tradição filosófica ocidental que marcam assim as orientações de nossas pesquisas.

pode ocorrer num sistema filosófico complexo ou num simples quadro de categorias, tomadas como necessárias para o delineamento de proposições coerentes.

⁴ O eclétismo é a disposição do sujeito que se caracteriza pela escolha de elementos considerados "melhores" entre diferentes teorias. Já o sincretismo é uma síntese de elementos díspares, originários de fontes diversas e distintas.

1.3. O círculo hermenêutico articulando temas e paradigmas

Outra macro-categoria que tem sido fecunda para expressar núcleos aglutinadores de temas com os paradigmas filosóficos que têm dado sustentação às pesquisas e estudos no âmbito da Filosofia da Educação no Brasil. Esta categoria me permitiu elaborar uma apresentação sistematizada das tendências investigativas de nossa área, configuradas sob a categoria de **círculo hermenêutico**.

Com esta macro-categoria busco identificar a investigação de um objeto, sob um determinado paradigma filosófico. Trata-se da configuração explicativa, da construção/desvelamento do sentido desse objeto à luz de uma malha teórica lançada pelas categorias conceituais do paradigma.

Com isso quero dizer que as contribuições investigativas que se pode identificar no contexto brasileiro têm se apresentado no interior de 4 grandes círculos hermenêuticos, que se caracterizam então por explicar seus objetos de forma coerente com os pressupostos dos paradigmas assumidos pelo investigador. Assim, as concepções filosófico-educacionais ganham sua configuração e seu perfil na tessitura possibilitada pela articulação das múltiplas categorias disponibilizadas pelo paradigma. Ademais, este marca também a opção temática e a maneira de tratar dos temas que o pesquisador vai adotar. Quero dizer também que o círculo hermenêutico é um caminho eficaz para a prática da pesquisa filosófico-educacional, representando uma fecunda pedagogia investigativo para a comunidade científica da área.

No seio do primeiro círculo hermenêutico, recorre-se ao paradigma filosófico que se constitui na esfera de um pensamento de perfil positivista, apoiado em pressupostos naturalistas e cientificistas. Todos os fenômenos educacionais são abordados como se se identificassem harmoniosamente com os processos que regem todos os demais aspectos do mundo natural. Ao homem cabe viver, realizar-se, aperfeiçoar sua existência concreta numa íntima conexão com a natureza objetiva que o constitui e o cerca. Sua existência no plano da cultura deve desenvolver-se analogamente ao modo como se dá a vida no plano da natureza. Não são planos idênticos, mas profundamente análogos. Não se trata, obviamente, de uma postura dogmática, de perfil naturalista materialista, mas do reconhecimento do lugar

prioritário que as referências objetivas da naturalidade da existência colocam para a condução dos destinos da humanidade. A funcionalidade do mundo natural se estende ao mundo da cultura e, conseqüentemente, da educação.

Num segundo círculo hermenêutico, vê-se a educação garantindo a humanização do homem na medida em que ela possa contribuir diretamente para a construção do próprio sujeito. A imagem agora é dada pela metáfora da identidade e da autonomia do sujeito espiritual, individual, pessoal, que, princípio de atividade, atua pela força energética de sua vontade livre. A transformação do mundo, a construção da sociedade, o aprimoramento da existência objetiva, decorrem agora diretamente da transformação, do aprimoramento íntimo do sujeito.

Mas, sob a inspiração de um terceiro círculo hermenêutico, pensa-se a educação como um processo prático social que retira toda sua força da própria dinâmica da vida da sociedade, esta se colocando com anterioridade em relação às pessoas, individualmente consideradas. Não que se negligencie a vida do espírito e os ditames da natureza, mas a subjetividade e a identidade pessoal só se sustentam numa estrutura de relações sociais bem tecida. Sobre a funcionalidade da vida e sobre a eticidade dos princípios, prioriza-se a politicidade das relações sociais. Portanto, a metáfora aqui é a da solidariedade do grupo na organização das relações sociais emancipatórias, reclamando da educação o investimento de todos os seus recursos na intencionalização da prática, para que ela, tornando-se *práxis*, organize politicamente a sociedade, instituindo a *polis* democrática, solo e placenta da vida cidadã das pessoas. O entendimento entre os homens, base do contrato social, só pode fundar-se numa negociação política.

Na atualidade, no contexto do momento histórico que vem sendo chamado de pós-modernidade, está se desenvolvendo um outro modo de pensar, diferente dos anteriores, que se marca por uma postura de questionamento radical da própria centralidade do sujeito, sob qualquer modalidade epistêmica ou ontológica. Neste sentido, expressa-se como rejeição de todas as configurações do discurso filosófico da modernidade, tanto no campo da ciência como da filosofia, pois, apesar de suas divergências,

unificam-se em torno da admissão de uma instância básica, firme e irreduzível, que é a instância do sujeito central e centrado.

Assim, o homem encontra-se totalmente sufocado, não conseguindo viver sua vida e conduzir sua existência sob a única dinâmica admissível, que é aquela da experienciação de sua sensibilidade desejante, a única referência aceitável para o existir humano. Não pode haver outros critérios de normatização da existência, levantados com base numa referência de universalidade, eis que o valor só pode ter sua fonte numa ineludível singularidade do existir. Prevalece, pois, neste círculo hermenêutico de reflexão, a dimensão do estético, entendido como vivência no plano da sensibilidade geral do indivíduo, mente e corpo, lugares de uma economia desejante.

Estes quatro círculos têm interfaces recíprocas, se interpenetrando, os três primeiros integralmente e o quarto, de modo mais restrito. A distinção, viabilizada pela abstração, que se pode fazer entre eles repousa fundamentalmente nas ênfases que são postas na forma mediante a qual a educação desempenha seu papel, com concebe e utiliza os recursos do conhecimento que estão a sua disposição. Embora marcada por certa formalidade, esta é uma esquematização ilustrativa, para que possamos sistematizar nossa apreensão de um processo complexo e dinâmico.

2. Das categorias relacionadas à postura investigativa...

Quando se busca o delineamento do que vem a ser a pesquisa em Filosofia da Educação, cabe ainda colocar algumas condições que precisam ser envolvidas na prática do pesquisador. Elas me parecem necessárias para se configurar a tessitura da pesquisa filosófico-educacional.

São igualmente três pares de categorias, uma vez que elas não se nucleam de forma isolada, apresentando-se sempre num contraponto dialético: a disciplinaridade/interdisciplinaridade, a historicidade/atualidade e a particularidade/universalidade. Os temas pesquisados em Filosofia da Educação precisam ser tratados de forma interdisciplinar, inseridos em radical historicidade e considerados em sua particularidade.

A pesquisa filosófico-educacional pressupõe uma postura sistemática de **interdisciplinaridade**, expressa por uma necessária colaboração íntima entre ciências e filosofia, de um lado, e entre os vários campos do saber, de outro. Por isso mesmo, a pesquisa em Filosofia da Educação deve levar em rigorosa consideração as conclusões das pesquisas realizadas nas diversas áreas das Ciências da Educação. Como já alertara em escrito anterior,

“não se trata, obviamente, de se refazer no âmbito de nossas investigações, as pesquisas feitas pelos historiadores, pelos sociólogos, pelos economistas, pelos antropólogos, pelos etnólogos, pelos psicólogos da educação. Isso não teria o menor sentido, seria certamente equivocado. No entanto, não se pode dar conta da historicidade da educação negligenciando-se os resultados explicitadores da pesquisa científica realizada pelas ciências positivas da educação” (Severino, 1993. 17)

A exigência da interdisciplinaridade na abordagem filosófico-educacional nasce, em primeiro lugar, da complexidade dos fenômenos educacionais, o que exige a interveniência de múltiplos olhares. Mas a isso se acresce a natureza coletiva do próprio conhecimento, ele é sempre uma construção coletiva, pelo esforço convergente de um sujeito coletivo.

Mas cobrar uma postura de interdisciplinaridade, exigindo que se leve em conta as conclusões de outras ciências, não nos exime da necessidade de se atentar que se trata sempre de pesquisa filosófica a se configurar de maneira específica, própria, distinta daquela da ciência *stricto sensu*. Ciência e Filosofia, unidas enquanto são modalidades de conhecimento germinadas num mesmo útero de subjetividade, se distinguem profundamente em sua operatividade lógico-epistêmica, marcada, em primeiro lugar, pela forma diferente de cada uma abordar um mesmo objeto.

Por isso a pesquisa em Filosofia da Educação precisa ser intrinsecamente pesquisa filosófica, distinta da pesquisa que é desenvolvida pelas áreas afins que igualmente investigam a educação como fenômeno. O que deve reinar aqui é o diálogo, ponto básico de referência para uma fecunda interdisciplinaridade, diálogo que reconhece e respeita a autonomia e a identidade das áreas postas em relação⁵.

⁵ É sob esta perspectiva que ganham sentido a leitura e a análise dos textos dos autores/pensadores/filósofos. Essas operações só ganham substância na exata medida e a

A segunda exigência para a especificação da pesquisa filosófico-educacional é o tratamento de sua temática levando em conta a necessária inserção dos objetos num relacionamento atualidade / tradição. Trata-se reconhecer a inexpugnável **historicidade** das coisas humanas, o que demanda que elas sejam sempre inseridas na verdadeira temporalidade, que não é mera diacronia. Para a abordagem do filósofo da educação, a problemática precisa ser relevante para a atualidade, o que lhe confere relevância humana, tendo alcance social. Reconhece assim a dialética entre a continuidade e ruptura.

Isso não implica, no entanto, desconhecer a história, como lugar da memória e do acervo da tradição cultural. A Filosofia da Educação se faz também através da retomada da história da educação, sempre tendo-se bem presente que:

“filosofar não é retomar, dissecar e eventualmente ornamentar teses apresentadas por pensadores clássicos, mas o diálogo rigoroso, atento e crítico com os autores do passado será certamente fecundo, eis que eles integram o sujeito coletivo histórico-social” (Severino, 1993. p. 18).

A terceira exigência se formula pelo reconhecimento da íntima relação dialética **da universalidade com a particularidade**, relação que precisa se fazer presente no trato filosófico das temáticas educacionais. Lidando com conceitos, a Filosofia sempre tendeu a se colocar numa perspectiva de pura universalidade, correndo o risco de perder o contato com a realidade concreta. Mas a vida se dá no singular, no particular e não no universal, morada apenas do conceito. Assim, o pesquisador em Filosofia da Educação precisa praticar uma adequada dialética entre o priorizar o particular para atingir o universal, buscando a universalidade mas sempre a partir da particularidade das circunstâncias onde sua problemática se constitui efetivamente.

partir do ponto em que a reflexão do leitor se articula com aquela do autor, unindo-se e somando-se na busca do sentido que o objeto investigado possa ter na esfera filosófica. Além disso, é preciso ter bem claro que a natureza filosófica de uma pesquisa não quer dizer que se trata fundamentalmente de uma pesquisa bibliográfica, se entende por isso ater-se tão somente à análise de um texto, por mais qualificada e competente que seja. Sem nenhuma dúvida, a exploração bibliográfica é um meio fecundo na operação filosófica, mas é sempre e apenas um meio, importante, enriquecedor, mas sempre destinado a robustecer, a apoiar uma operação lógico-epistêmica específica da reflexão filosófica

Referências

- ALBUQUERQUE, M. Betânia B. *Filosofia da educação: uma disciplina entre a dispersão de conteúdos e a busca da identidade*. Belo Horizonte, Ufmg, 1997. (Dissertação De Mestrado).
- ALBUQUERQUE, M. Betânia B., *Filosofia da educação: uma disciplina entre a dispersão de conteúdos e a busca da identidade*. *Perspectiva*. 16(290): 45-61. Jan./Jun.1998.
- CARVALHO, Adalberto D. de (coord.) *Contemporaneidade educativa e interpelação filosófica*. Porto: Edições Afrontamento, 2010. (biblioteca de Filosofia 21).
- GALLO, Sílvio. . *Filosofia da Educação no Brasil do Século XX: da crítica ao conceito*. *Eccos. Revista Científica*, v. 9, no. 2/2. p. 261-284. 2007.
- GENRO, M. Elly H. *A Filosofia da educação na busca da autonomia intelectual dos Educadores*. Porto Alegre, PUC-RS, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- GUARDE, Sílvio. *concepções teóricas e práticas pedagógicas no ensino da filosofia da educação: elementos para discussão de sua identidade*. São Paulo, Centro Universitário Salesiano, 1998. (Dissertação De Mestrado).
- MARTINS, Ernesto C. *A filosofia da educação na actualidade*. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, N.7 , V.13, P. 155-178, Jan/Jun, 1993.
- SEVERINO, Antonio J. *proposta de um universo temático para a investigação em filosofia da educação: as implicações da historicidade*. *Perspectiva*, Florianópolis, N.19, p. 11-27, Jan/Jun.1993.
- SEVERINO, Antonio J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- SEVERINO, Antonio J *política e educação no discurso filosófico brasileiro da atualidade*. In: CARVALHO, Adalberto D. de (coord.) *Contemporaneidade educativa e interpelação filosófica*. Porto: Edições Afrontamento, 2010. p. 41-54.

TOMAZETTI, Elisete. M. . *Filosofia da Educação: um estudo sobre a história da disciplina no Brasil.* Ijuí: Editora Unijuí, 2003.. 272 p.

VIEIRA, Marilene De Melo. *Filosofia da Educação na formação do pedagogo: discurso da autonomia e fabricação da heteronomia.* São Paulo: Feusp, 2010.(Tese de doutorado)



Educação

**PESQUISAS EM
EDUCAÇÃO**
no Brasil e no Mundo

e 23 a 26 de novembro de 201

Local: Av. Francisco Matarazzo, 612
Água Branca – CEP 05001-100 – SP